ESCRITAS ANTIRRACISTAS NO JORNALISMO DE OPINIÃO: análise comparativa de colunas do UOL, Brasil, e do Público, Portugal[1]

André Santana[2]
Ricardo Freitas[3]
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

RESUMO
Este artigo analisa a atuação de intelectuais negros no jornalismo, em abordagem comparativa entre colunas da socióloga portuguesa Cristina Roldão (Público), e do jornalista brasileiro André Santana (UOL). Ao inserirem suas trajetórias, constroem discursos contra-hegemônicos e decoloniais, dando continuidade à ação insurgente da imprensa negra (Pinto, 2010). Utiliza-se a metodologia da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), associada à Pesquisa Ativista (Santos, 2019). Fundamenta-se nos conceitos de subjetividade no jornalismo (Sodré, 2009; Medina, 2008; Moraes, 2019), midiativismo (Freitas, 2022) e decolonialidade (Grosfoguel, 2016), como ruptura epistemológica.
PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo de Opinião; Midiativismo; Imprensa Negra; Decolonialidade.

1. INTRODUÇÃO

Como parte da pesquisa de doutoramento sobre o ativismo negro no jornalismo, desenvolvido no Programa de Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia (PPGEL/UNEB), esse artigo propõe uma análise do papel de intelectuais e ativistas negros na imprensa de Portugal e do Brasil para evidenciar os posicionamentos do movimento negro nos debates contemporâneos sobre democracia e representatividade política.

A imprensa negra constitui, historicamente, um dos principais instrumentos de resistência e produção de contranarrativas por parte das populações negras no Brasil e em Portugal. Desde os jornais abolicionistas, no século XIX, no Brasil até os veículos da luta anticolonial nas ex-colônias portuguesas da África, no século XX, esses espaços

[1] Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.
[2] Doutorando no Programa de Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, sob orientação do Professor Doutor Ricardo Freitas. Bolsista do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE/CAPES), tendo realizado estágio doutoral no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTe), sob supervisão da professora doutora Cristina Roldão.
[3] Docente no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Coordenador do Grupo de Grupo de Pesquisa e Estudos em Mídias Alternativas e Midiativismo – GUPEMA (CNPq/UNEB).

funcionaram como trincheiras de enfrentamento à opressão racial e ao eurocentrismo dos meios de comunicação tradicionais, estes comprometidos com a legitimação do poder colonial em detrimento dos discursos e saberes produzidos pelas populações não europeias. Na contemporaneidade, mesmo com os espaços ainda reduzidos, intelectuais negros reforçam essas escritas insurgentes em colunas de opinião nos veículos comerciais de amplo alcance, a exemplo do portal UOL, no Brasil, e o Público, em Portugal, produzindo análises críticas que expõem as permanências do racismo nesses países, bem como as marcas coloniais e as violências institucionais.

Este artigo busca estabelecer uma análise comparativa entre as colunas assinadas por André Santana, em UOL, e Cristina Roldão, em Público, para compreender como essas escritas insurgentes, produzem discursos de resistência em contextos políticos marcados pelo fortalecimento da extrema direita, que coloca em risco a construção da democracia e da cidadania ao agir contra os direitos das populações historicamente marginalizadas, como a comunidade negra, povos tradicionais e imigrantes.

A pesquisa utiliza como principal ferramenta metodológica a Análise de Conteúdo, proposta por Laurence Bardin (2011), associada à revisão bibliográfica sobre a temática e à netnografia, tendo em vista a publicação digital das colunas. Adota-se, ainda, a perspectiva da Pesquisa Ativista (Santos, 2019), dada a inserção militante de André Santana, autor deste artigo, no campo da imprensa negra. Essa abordagem possibilita o reconhecimento do lugar de fala e da experiência como fundamentos epistemológicos da produção do conhecimento, especialmente no campo do jornalismo.

2. JORNALISMO E SUBJETIVIDADE

A subjetividade, tradicionalmente excluída do jornalismo convencional, tem sido resgatada por autores como Muniz Sodré (2009), Cremilda Medina (2008) e Fabiana Moraes (2021), que defendem o reconhecimento da experiência como elemento legítimo da prática jornalística. Para Moraes (2019), o "jornalismo de subjetividade" rompe com a pretensão de neutralidade e permite que vozes historicamente silenciadas sejam ouvidas a partir de suas vivências.

Nesse sentido, a escrevivência, conceito proposto por Conceição Evaristo (2017), torna-se uma categoria potente para pensar a produção de colunistas como Santana e Roldão, cujos textos articulam memória, escuta, reflexão e denúncia. Trata-se de uma escrita que rompe com os paradigmas da objetividade e da imparcialidade jornalística, utilizado para camuflar o compromisso do jornalismo com os discursos oficiais dos grupos de poder político e econômico que escancaram o epistemicídio denunciado por Sueli Carneiro (2005).

São experiências midiativistas, que segundo Ricardo Freitas (2022), configuram-se como a prática de sujeitos que utilizam os meios de comunicação para provocar mudanças sociais e disputar a narrativa pública.

Se o jornalismo tradicional privilegia a perspectiva do poder, eurocêntrica e colonial, os colunistas analisados tensionam esse modelo ao produzirem discursos contra-hegemônicos, que visam desestabilizar as estruturas simbólicas e políticas que sustentam o racismo institucional em seus países. Neste sentido, tanto Roldão quanto Santana se aproximam da figura do "intelectual orgânico" de Gramsci (2012), ao vincularem suas produções à militância antirracista e à transformação social.

Pesquisadora da história do movimento negro em Portugal, a socióloga Cristina Roldão utilizou suas colunas no jornal Público, espaço que ocupou semanalmente entre 2022 e 2024, para discutir o racismo estrutural em Portugal, a negação do colonialismo e a necessidade de políticas públicas antirracistas. Em seus textos, Roldão destacou a importância de reconhecer a desigualdade étnica e racial no país e criticou a falta de dados étnico-raciais nas estatísticas oficiais. Ela também enfatizou a necessidade de uma luta antifascista que seja, necessariamente, antirracista.

O jornalista André Santana, pesquisador sobre a imprensa negra no Brasil, é um dos fundadores do Instituto Mídia Étnica, em 2005, em Salvador, responsável pela criação do Correio Nagô, portal de notícias com recorte racial, em funcionamento desde 2008. Na coluna no UOL, que assina desde agosto de 2020, são abordadas questões relacionadas ao racismo, à representatividade negra na mídia e à política brasileira. A escrita é marcada por uma perspectiva pessoal e engajada, alinhada ao conceito de "escrevivência" de Conceição Evaristo, que valoriza a experiência de vida como fonte de conhecimento. Os textos da coluna desafiam a noção de imparcialidade jornalística ao assumir uma postura crítica e comprometida com a justiça social.

A atuação de Santana e Roldão exemplifica o jornalismo de subjetividade, conceito discutido por autores supracitados, como Muniz Sodré, Cremilda Medina e Fabiana Moraes. Esse modelo valoriza a experiência individual e a perspectiva do jornalista como elementos enriquecedores da narrativa jornalística, por ampliar o olhar para questões fundamentais como gênero, raça, classe, território e seus impactos nos acontecimentos que geram a notícia, o que coloca em questionamento a tradicional busca pela imparcialidade e objetividade.

O presente artigo parte da compreensão de que o jornalismo, especialmente quando praticado por intelectuais negros engajados, como André Santana e Cristina Roldão, não se limita à função informativa. Ele assume uma dimensão ética, política e subjetiva. A subjetividade, aqui, não é entendida como fragilidade ou imprecisão, mas como construção situada, histórica e sensível que questiona os paradigmas da objetividade jornalística tradicional. Essa abordagem é sustentada por uma série de autoras e autores que há décadas tensionam as fronteiras entre jornalismo, experiência e militância.

3.ANÁLISE DAS COLUNAS

Para evidenciar os pressupostos desta pesquisa foram selecionadas algumas colunas publicadas por Cristina Roldão, em 2024, ano importante para os debates em torno das relações raciais em Portugal, por ser o marco de 50 anos da Revolução dos Cravos, ocorrida em abril de 1975 e que efetivou o fim do governo autoritário de Antônio de Oliveira Salazar, que durou mais de 30 anos e é considerada pelos historiadores como a maior ditadura da Europa Ocidental, no século XX.

Os debates em torno da efeméride, provou um intenso debate na sociedade portuguesa acerca da efetivação da democracia no país, da manutenção ou ressurgimento de ideais políticos autoritários e da incorporação dos africanos e descendentes das antigas colônias portuguesas da África, cujos processos de independência foram determinantes na inspiração para o movimento insurgente que consolidou a revolução democrática em solo português[4].

Foram escolhidas, portanto, colunas que tematizaram mais explicitamente as tensões sobre democracia e cidadania na conjuntura portuguesas, conflitos raciais e casos efetivos de violência policial e racismo institucional. Vale destacar que o Público é um dos diários mais lidos em Portugal. Criado em 1990, foi um dos primeiros jornais portugueses a ter uma edição online, iniciada em 1995.

Para efeito comparativo, foram selecionados textos assinados por André Santana e publicado na coluna de UOL, a partir de 2020, quando o jornalista assumiu o espaço no portal UOL. Administrado pelo Grupo Folha, um dos maiores conglomerados de mídia no Brasil, o UOL foi criado em 1996 e se consolidou entre os portais de notícias mais lido no Brasil.

A estreia de André Santana como colunista do UOL está associada ao crescimento da presença negra na mídia brasileira, nos últimos anos, fruto das reivindicações dos movimentos negros e do crescimento do debate sobre as relações raciais em espaços de poder simbólico como a universidade, motivado pelas ações afirmativas e o ingresso de pessoas negras em cursos historicamente segregados, como Comunicação Social e Jornalismo. O ano de 2020 também foi marcado por fortes tensões raciais, como o caso emblemático do assassinato de George Floyd e as manifestações nos Estados Unidos que escancararam a invisibilidade negra na mídia brasileira[5].

A utilização da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin, permitiu uma investigação sistemática das mensagens veiculadas nas colunas dos autores.

---

[4] Para compreender a relação entre as lutas pela independência nas colônias portuguesas na África e a Revolução dos Cravos, ler o artigo "Lutas de independência na África incitaram Revolução dos Cravos em Portugal", publicado em 25/04/2024, no UOL (SANTANA, 2024).

[5] Ver o artigo "2020: o ano da Encruzilhada", publicado em 25 de dezembro de 2020, em UOL (SANTANA,2020)

Complementarmente, foi necessário contextualizar e aprofundar a compreensão das práticas jornalísticas dos intelectuais analisados.

Como categorias de análise, para utilizar o modelo proposto por Bardin, foram destacados os temas do racismo institucional e xenofobia, violência policial, avanço da extrema direita contra os movimentos sociais e a incapacidade de governos progressistas em barrar as opressões raciais.

CONCLUSÃO

A análise das colunas de Cristina Roldão e André Santana revela como a atuação de intelectuais negros no jornalismo contemporâneo contribui para a produção de um discurso contra-hegemônico, comprometido com a denúncia do racismo e afirmação de saberes e experiências silenciadas. Suas escritas, ancoradas na tradição da imprensa negra, na trajetória dos movimentos negros, nas experiências de midiativismo e nos princípios da decolonialidade, desafiam os paradigmas da neutralidade e da objetividade jornalística, convocando à reflexão crítica e à ação política.

O artigo demonstra que, mesmo atuando em contextos distintos, ambos compartilham o compromisso com a luta antirracista, a construção de espaços midiáticos mais plurais e o fortalecimento da cidadania negra. As colunas representam práticas de escrevivência insurgente e midiativismo comprometido com a justiça social e os direitos humanos.

A subjetividade, neste trabalho, não é um desvio da norma jornalística, mas uma crítica epistemológica ao modelo eurocêntrico de produção de informação. Através dos escritos de André Santana e Cristina Roldão, o jornalismo torna-se prática de denúncia, de memória e de luta — alinhado a uma tradição de imprensa negra e ao midiativismo como forma de resistência.

Assim, o artigo justifica o uso de metodologias que reconhecem o lugar de fala, o engajamento político e a escuta sensível como formas legítimas de produção de conhecimento jornalístico e acadêmico.

As colunas de André Santana e Cristina Roldão representam, portanto, uma continuidade da tradição da imprensa negra (PINTO, 2010), adaptada ao contexto contemporâneo e aos desafios atuais. Suas escritas engajadas e subjetivas oferecem uma perspectiva contra-hegemônica que questiona as estruturas de poder e promove a inclusão de vozes historicamente marginalizadas no debate público. Em tempos de retrocessos democráticos e avanço da extrema direita, a atuação desses intelectuais na mídia é essencial para a promoção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não ser como fundamento do ser. 2005.

EVARISTO, Conceição. Escrevivências: escrevendo a vida. In: DUARTE, Constância Lima (org.). Escrevivência: literatura, crítica e política nas obras de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Mazza, 2017.

FREITAS, Ricardo. Midiativismo e protagonismo negro na comunicação. São Paulo: Dandara, 2022.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

GROSFOGUEL, Ramón. O que é racismo de Estado? Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 114, p. 91-122, 2017.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser. Revista de Ciencias Sociales, v. 1, n. 1, 2007.

MORAES, Fabiana. Subjetividade: Ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. Extraprensa, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 204-219, jan./jun. 2019.

MEDINA, Cremilda. Notícia: um produto à venda – ensaio sobre a produção de notícias no capitalismo. São Paulo: Summus, 2008.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. Imprensa Negra no Brasil do Século XIX. São Paulo: Selo Negro, 2010.

ROLDÃO, Cristina. Colunas de opinião. Jornal Público, 2022-2024. Disponível em: https://www.publico.pt/opiniao/colunistas/cristina-roldao?page=1

SANTANA, André. Colunas de opinião. Portal UOL, 2020–2024. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/colunas/andre-santana/

SANTOS, Ceres. Pesquisa ativista: da epistemologia feminista negra ao estudo comprometido com as lutas sociais. In: Caderno Acadêmico da Rede de Mulheres Negras do Paraná, 2019.

SODRÉ, Muniz. Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos. Petrópolis: Vozes, 2009.